

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DE SANTA CATARINA
CÂMPUS JARAGUÁ DO SUL
CURSO TÉCNICO EM QUÍMICA (MODALIDADE: INTEGRADO)

GILLIARD CARVALHO DE ALMEIDA
LAVÍNIA CAÇADOR
MARLON WENDEL VALENTIM DE MIRANDA
MIKAEL MARCOS DOS SANTOS
VINÍCIUS PELLE

AUTISMO EM JARAGUÁ DO SUL

JARAGUÁ DO SUL, 2014

GILLIARD CARVALHO DE ALMEIDA
LAVÍNIA CAÇADOR
MARLON WENDEL VALENTIM DE MIRANDA
MIKAEL MARCOS DOS SANTOS
VINÍCIUS PELLE

AUTISMO EM JARAGUÁ DO SUL

Relatório de pesquisa desenvolvido no eixo formativo diversificado “Conectando os Saberes” do Curso Técnico em Química (Modalidade: Integrado) do Instituto Federal Santa Catarina – Câmpus Jaraguá do Sul.

Orientadora: Prof^a. Msc. Lenita Spliter

Coordenadores: Prof. Msc. Valmor Luiz Frantz e Prof^a. Msc. Lenita Spliter

JARAGUÁ DO SUL, 2014

RESUMO

O autismo é um tema pouco abordado nos mais variados contextos, especialmente, o autismo nas escolas. Esta pesquisa teve como objetivo analisar a concepção que os professores que atuam na educação infantil têm sobre o autismo. Para coleta de dados, utilizou-se um questionário adaptado de Felício (2007). Fizeram parte desta pesquisa 21 professores de 3 escolas de Jaraguá do Sul, com média de idade de 37 anos. Os resultados evidenciaram que, sobre a concepção do que é autismo, houve uma grande variação de respostas, sendo 28,5% dos professores afirmaram que o autismo é uma disfunção global do desenvolvimento, 33% apontaram como principal característica a falta de contato visual. Em relação à convivência com uma criança autista, 60% dos participantes responderam que já conviveram com uma criança autista. Quanto ao meio de contato, 30% que foi através de TV (novela), 74% que o conhecimento adquirido foi através de estudos, pesquisas e leituras. Já 68% não conseguiram identificar as características de uma criança autista em sala de aula. Sobre socialização 33% desenvolveriam atividades em grupos, outros 29% mencionaram um atendimento individual ao aluno e 29% fariam uma parceria com entidades especializadas. Sobre capacitação 43,8% apontou que deveria ser feita por profissionais da área (psicólogos, neurologistas, entre outros) e também cursos, palestras e debates. Através destes dados, observou-se que os professores não possuem conhecimento suficiente e adequado para trabalhar com autistas, pois a grande maioria não conseguiu identificar as características de uma criança autista em sala de aula, alguns professores não souberam responder o conceito de autismo, isso se deve provavelmente a dificuldade de um diagnóstico preciso, e também por ser um tema complexo e pouco discutido no âmbito escolar.

Palavras-chave: Autismo. Professores. Educação Infantil.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Tempo de Serviço no Magistério.....	19
FIGURA 2 - Em sua concepção, o que é o autismo?	20
FIGURA 3 - Quais características você atribui a uma criança autista?	21
FIGURA 4 - Você já conviveu com uma criança autista?	22
FIGURA 5 - Você já teve algum contato com crianças autistas por meio de mídias como o vídeo, a TV, filmes, documentários, etc.?	23
FIGURA 6 - Você tem algum conhecimento teórico/prático sobre como trabalhar com crianças autistas em sala de aula? Descreva	24
FIGURA 7 - Em sua sala de aula, você identifica alguma criança com características semelhantes às apresentadas por autistas? Quais são essas características?	25
FIGURA 8 - Caso uma criança apresentasse características autistas em sua turma, quais estratégias você utilizaria para promover a inclusão e a aprendizagem dessa criança?.....	27
FIGURA 9 - Em sua opinião, como e por meio de quem deveria ser feita a capacitação dos professores para se trabalhar com crianças dessa realidade?.....	28

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	8
2.1 Conceito de Autismo	8
2.2 Características Gerais do Autismo	8
2.2.1 Falta de Habilidade Social	9
2.2.2 Falta de Comunicação	10
2.2.3 Comportamento Repetitivo	10
2.3 Níveis Gerais do Autismo	11
2.4 Autismo e Escola	12
2.5 Lei de Inclusão	14
2.6 Associação de Amigos do Autista (AMA)	16
3 METODOLOGIA	18
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	19
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	32
ANEXO – QUESTIONÁRIO ADAPTADO DE FELICIO (2007)	35

1 INTRODUÇÃO

Uma das dificuldades relacionais do mundo contemporâneo é compreender, respeitar e conviver com as diferenças. Há algum tempo está se introduzindo no ensino regular alunos que apresentam diversas necessidades específicas, como por exemplo, o autismo.

Segundo Martins *et al* (2013), o autismo é um Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD). É caracterizado por déficits em muitas áreas de funcionamento que levam a uma interrupção no desenvolvimento humano. Suas características ou sintomas são, em geral, três anormalidades ou desvios: relacionamento social, uso da linguagem para comunicação e comportamento que envolve características repetitivas sobre um número limitado, porém intenso, de interesses.

Desde a antiguidade não havia relação e aproximação entre autistas e pessoas consideradas normais, na escola. Contudo o governo brasileiro está lutando para integrá-los, assim como também deficientes físicos na escola. Diante disso, justifica-se o interesse de pesquisar se esses professores que vão receber esses alunos estão devidamente preparados. Segundo Albuquerque (2013), especialistas dessa área afirmam que é possível que os autistas estejam em escolas regulares, porém, o problema maior é se os professores, quando recebem tais alunos, estão preparados para recebê-los em sua sala de aula.

Por outro lado, as pesquisas nos mostram que o número de autistas tem aumentado drasticamente durante os últimos anos. De acordo com Coelho (2013), enquanto no começo do ano de 2012 no município de Jaraguá do Sul havia 50 alunos autistas na Associação de Amigos do Autista (AMA), no ano de 2013 este número passou para 72 crianças autistas. Isso nos levou a acreditar que com um aumento pela procura da AMA, e também que o trabalho com autista segundo Felicio (2007) tem sido pouco explorado na sociedade e carece de informações para o auxílio dos professores no âmbito escolar, nos motivou a pesquisar sobre qual a concepção que os professores que atuam na educação infantil tinham sobre autismo.

A pesquisa teve como objetivo analisar a concepção que os professores que atuam na educação infantil tinham sobre autismo.

O instrumento de pesquisa utilizado foi o questionário adaptado de Felício (2007) (Anexo I) com questões dissertativas relacionadas inicialmente à concepção de autismo, características, convivência, contato com criança autista, conhecimento prático ou teórico sobre como trabalhar com crianças autistas, identificação, estratégias promovidas para a inclusão e aprendizagem da criança autista, e capacitação de professores. Este questionário foi aplicado em três escolas, duas escolas públicas e uma particular, no mês de março de 2014, totalizando 21 professores participantes.

Na Fundamentação Teórica abordam-se tópicos referentes ao conceito de autismo; características gerais do autismo; níveis gerais de autismo; autismo e escola; lei de inclusão e sobre a Associação de Amigos do Autista (AMA).

Em seguida, encontra-se a análise e discussão de resultados, desenvolvida a partir das respostas relatadas pelos participantes da pesquisa.

E finalmente, apontam-se as considerações finais da pesquisa, referências e anexo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Conceito de Autismo

Segundo Santo e Coelho (2013), o autismo é um distúrbio psiquiátrico raro e grave caracterizado por um desenvolvimento intelectual desequilibrado, que afeta também a capacidade de socialização. Pode-se dizer que é caracterizado por severos problemas ao nível da comunicação, do comportamento e por uma grande incapacidade em relacionar-se com as pessoas de uma forma normal. O autismo é quatro vezes mais comum em meninos do que meninas, e até hoje não conseguiu se provar nenhuma causa psicológica que possa provar a causa do distúrbio.

Para Cabral (2013) os sinais mais visíveis e comuns dos autistas são: preferência ao isolamento, resistência a mudanças, fixação por alguma parte de objetos, atraso ou falta da linguagem verbal, manias, acessos de raiva, baixa coordenação motora entre outras. E em relação ao tratamento faz parte do grupo das doenças em que não existe atualmente cura total. Se a pessoa tem, ela ficará com autismo o resto de sua vida.

2.2 Características Gerais do Autismo

O autismo para Varella (2013), é um transtorno global do desenvolvimento marcado por quatro características fundamentais: inabilidade para interagir socialmente; dificuldade com domínio da linguagem para comunicar-se ou lidar com jogos simbólicos (metáfora); padrão de comportamento restritivo e repetitivo; o grau de comportamento é de intensidade variável. O autismo aborda pessoas de todas as classes sociais e etnias.

O Autismo, para Mercadante *et al* (2011), também pode ser classificado como uma grave e complexa alteração do desenvolvimento. Pode ser diferenciado de outros transtornos por meio de critérios diagnósticos descritos no DSM-IV (manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais) e CID-10 (classificação internacional das doenças). A expressão em inglês Pervasive Development Disorder foi traduzida de forma diferenciada de acordo com a editora, assim no DSM-IV (publicado pelas Artes Médicas) foi utilizado Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TID) e o CID-10 (publicado pela Artes Médicas) utilizou também TID, e quando traduzido pela Editora da Universidade de São Paulo utilizou

Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD). “Essa diferença, embora possa parecer irrelevante, tem provocado algumas dificuldades” (MERCADANTE *et al*, 2011).

2.2.1 Falta de Habilidade Social

Quando você observa uma criança nova chegar à escola, à primeira vista parece ser igual a qualquer um. Contudo se começa a observar algo errado com ele quando se comunica com ele: ele evita olhar nos olhos; balança o corpo para frente e para trás, bate a cabeça contra a parede, tem dificuldade em interagir socialmente... É difícil manter uma conversa considerada pela maior parte das pessoas como normal.

Segundo Rachamandran e Oberman (2013), na década de 40, dois médicos, o psiquiatra americano Leo Kanner e o pediatra austríaco Hans Asperger, descobriram um distúrbio que afeta milhares de crianças no mundo. Ambos chamaram de *autismo*, devido ao seu significado *autos*, do grego, significa “de si mesmo”. Atualmente os especialistas costumam adotar o termo “transtornos do espectro do autismo”. Houve explicações de diversos cientistas quanto a sua real causa, como os anatomistas, apesar de não haver conexão de suas teorias com o distúrbio (por exemplo, Courchesne, da Universidade da Califórnia em San Diego e outros, que mostraram que crianças autistas apresentam anomalias típicas no cerebelo, a estrutura cerebral responsável pela coordenação dos movimentos musculares voluntários. Apesar de essa afirmação ter, de certa forma, algum sentido, seria alienação concluir que o cerebelo tem a ver com o distúrbio. Lesão cerebelar pode causar tremores na criança, contorções e movimentos anormais oculares – sintomas que são raramente associados ao autismo) e os psicólogos, pessoas que tem argumentos mais aceitáveis para explicar o distúrbio, apesar de, do mesmo jeito que os anatomistas, eles não explicam os sintomas relacionados ao autismo.

Contudo há outros cientistas que seguiram outro caminho. Na década de 90 eles observaram o funcionamento neuronal de macacos enquanto esses macacos praticavam outras atividades induzidas. Há um neurônio que dispara quando o macaco pega algum alimento, ou no momento em que aciona uma alavanca, etc. É comum chamar tais células nervosas de neurônios de comando motor. Entretanto o mais surpreendente foi que havia um subgrupo de neurônios de

comando motor que, além de dispararem para o animal fazer a ação, também disparava quando ele via outro fazendo essa ação. Isso leva a acreditar que esses neurônios não apenas habilitam os seres humanos e primatas a determinar suas intenções, mas também intenções de outros que fazem a mesma ação.

Essas observações levam a crer que esse tipo de neurônio não apenas emite comandos motores como habilita primatas e humanos a determinar as intenções de outros indivíduos através da simulação mental das ações destes. Nos macacos, o papel desses neurônios parece limitar-se a fazê-los prever simples ações direcionadas; mas nos humanos, tudo leva a crer que dizem a respeito à capacidade de interpretar intenções mais complexas (RAMACHANDRAN & OBERMAN, 2013).

Alguns estudos posteriores mostraram que esses neurônios também disparavam, não apenas quando uma pessoa sentia dor, mas também quando ela via outro sentindo dor. Observou-se, além disso, que quando um bebê vê sua mãe mostrar a língua, ele faz o mesmo. Porém ele não vê sua própria língua, mas neurônios de comando motor são ativados quando a imagem da mãe é interpretada pelo cérebro da criança. Por último, tudo indica que essa classe de células nervosas capacita o ser humano a enxergar a si mesmo como seu semelhante, portanto é essencial para a socialização, pois com isso você compreende as intenções do outro, podendo interagir com ele.

Portanto, com base nesses estudos, é possível haver uma associação disto com o autismo, em relação ao sintoma de dificuldade de socialização.

2.2.2 Falta de Comunicação

As dificuldades na comunicação ocorrem de formas diferentes em graus variados. Algumas crianças não desenvolvem habilidades de comunicação. Outras têm linguagens imaturas, os que têm capacidade de expressar sentimentos adequados podem ter inabilidade em iniciar ou manter uma conversa apropriada. Os déficits de linguagem e de comunicação permanecem na vida adulta e uma proporção significativa de autistas permanece não verbais, aqueles que adquirem habilidades verbais têm dificuldade em compreender sutilezas da linguagem (GADIA *et al*, 2004).

2.2.3 Comportamento Repetitivo

O comportamento repetitivo é uma característica do autismo. Por esse motivo pessoas com autismo seguem rotinas de forma extremamente rígida ficando

muito irritadas quando algum acontecimento impede ou modifica essa rotina, sendo frequente o balançar do corpo, os gestos e os sons repetitivos (SANTO & COELHO, 2013).

Os padrões restritivos e repetitivos dominam com frequência as atividades diárias de crianças com autismo e sempre causam impacto em suas habilidades de aprendizagem e no desenvolvimento de comportamentos adaptativos (McDONOUGH & BODFISH, 2013).

Nos padrões repetitivos incluem a resistência a mudanças, apego excessivo a objetos e fascínio com movimento de peças (como rodas ou hélices). Apesar de algumas crianças parecerem brincar, elas se preocupam mais em manusear ou alinhar os objetos. Estereotípias motoras e verbais, tais como se balançar, bater palmas repetitivamente, andar em círculos ou repetir determinadas palavras, frases ou canções são também manifestações frequentes em autistas (GADIA *et al*, 2004).

2.3 Níveis Gerais do Autismo

Segundo Camargos (2013), entre os níveis do autismo podemos citar a síndrome de Asperger que é um transtorno de múltiplas funções do psiquismo com afetação principal na área do relacionamento interpessoal e no da comunicação, embora a fala seja relativamente normal. Segundo Pessoa (2012) também existe o autismo clássico, caracterizado por problemas com a comunicação, interação social e comportamentos repetitivos, autismo clássico é tipicamente diagnosticado antes dos três anos. Em relação a Síndrome de Asperger tem algumas características distintas, incluindo excepcionais habilidades verbais, problemas com o jogo simbólico, problemas com habilidades sociais, desafios que envolvam o desenvolvimento da motricidade fina e grosso, e intenso, ou mesmo obsessivo e com interesses especiais.

Existe também o Transtorno de Rett que é causado por uma mutação genética. Apesar de os sintomas da desordem, que incluem a perda de habilidades sociais e de comunicação, imitar o autismo clássico, a doença passa por diversas fases diferentes. Normalmente, as crianças diagnosticadas com Transtorno de Rett superam muitos dos desafios que são semelhantes ao autismo. Podem enfrentar outros desafios, incluindo a

deterioração de habilidades motoras e problemas com a postura, que não afetam a maioria das pessoas do espectro do autismo.

2.4 Autismo e Escola

Segundo a pesquisa “Autismo e Escola: Perspectiva de Pais e Professores”, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), 85% dos cuidadores de crianças e adolescentes autistas identificam a escola como uma experiência positiva para seus filhos; apenas 15% acredita que ela desenvolva o aprendizado, a comunicação e a autonomia deles. (BERBERT, 2013)

Para conhecer a aprendizagem de uma criança autista é necessário identificá-la na sala de aula e entender quais são as suas dificuldades de atenção e comunicação. (SILVA & COSTA, 2013)

Quando comparamos o número total de autistas com o número de autistas em escolas regulares comuns, concluímos que a inclusão dos autistas numa escola é rara, porém essa inclusão poderia amenizar a falta de habilidade social, devido ao grande contato com variadas pessoas, e, dessa forma, acabaria também com os outros principais sintomas.

A presença de alunos autistas, em uma sala de aula comum, é uma situação rara nas escolas de ensino regular, porém, as possibilidades de se conseguir progressos significativos desses alunos na educação por meio de adequação das práticas pedagógicas à diversidade dos aprendizes são bastante representativas (MORAES & OLIVEIRA, 2002).

A ideia de inclusão de autistas em escolas regulares é uma ideia bastante relevante para um “tratamento” de autistas, pois isso desenvolveria sua habilidade social, e conseqüentemente desenvolveria seu comportamento na sociedade e sua comunicação. A escola, por ser um lugar com bastante entrada e saída de pessoas diferentes, pode ajudar no tratamento do autismo.

Observa-se que há um grande receio dos pais de como seus filhos autistas irão se relacionar com os demais colegas nas escolas consideradas “normais”, pois os autistas quase não correspondem a estímulos. E através de um trabalho de acompanhamento e preparação da comunidade escolar, pois quanto mais cedo for diagnosticado o distúrbio, maiores são as chances de haver um progresso na educação inclusiva, e para ocorrer esse progresso é preciso que nas escolas regulares haja um trabalho terapêutico que possa ser desenvolvidas as potencialidades do autista sempre desenvolvendo o melhor e mais aceitável método.

É preciso que haja uma expansão rápida para concretizar esta transformação na inclusão de autistas na escola. Existem teorias na forma de trabalhar com a criança autista relacionada à educação, alguns dão ênfase aos desejos da criança, enquanto outros procuram respostas comportamentais. (MORAES & OLIVEIRA, 2013).

Um dos métodos mais usados no Brasil de acordo com Martinoto (2012), é o TEACCH (Tratamento para Autistas e Crianças com Déficits Relacionados à Comunicação). Foi criado pelo Dr. Schopler na universidade da Carolina do Norte em 1970.

O TEACCH é um plano que tenta responder às necessidades da criança autista. Usando diagnósticos e aconselhamento dos pais e profissionais, avaliação psicológica, salas de aula e programa para professores. O TEACCH é um programa muito estruturado, pois combina cores diferentes que são usados para instruir a criança sobre um lugar correspondente para elas estarem e também corresponde a sequência de atividades na rotina desta criança. São atividades básicas para necessidades individuais e ao perfil de desenvolvimento da criança (MELLO, 2007, apud MARTINOTO, 2012).

As crianças autistas em idade pré-escolar, que estão inseridas em instituições educacionais especializadas, e muito eficaz a longo prazo entretanto o mais correto para esta criança seria que ela estivesse em uma escola com educação infantil, recebendo também a base e tratamentos individualizados.

Na escola regular ou especial, a escola deve procurar atender a necessidade da criança em seu desenvolvimento, onde o objetivo de colocar a criança na escola não deveria ser fazer a criança se enturmar e sim para melhorar o seu desenvolvimento (LEON e BOSA, 2005, apud MARTINOTO, 2012).

O nível cognitivo do autista apresenta graus variados e está presente em dois terços da criança com autismo. O nível cognitivo não é o principal fator para identificar o autismo na criança, mas contribui muito para isso (BOSA, 2006, apud MARTINOTO, 2012).

A criança tendo um aprendizado exposto a diversos estímulos tende a não se beneficiar em seu desenvolvimento podendo virar uma criança estressada e enfim agressiva por causa do excesso de informações que para a criança são informações inúteis. Ela pode até armazenar e interagir com os estímulos porém não vai ter uma boa aprendizagem (MELLO, 2007 apud MARTINOTO, 2012).

Para a criança autista, atualmente, o melhor tratamento que existe é a educação e tem os mesmos objetivos gerais que a educação para todas as crianças. No entanto, o professor deve lembrar-se que, nos casos de autismo, é preciso que haja modelos educacionais que permitam atingir os objetivos da educação infantil, apesar das graves deficiências na interação, comunicação e linguagem que seus alunos podem apresentar. Estes requerem um ambiente bem estruturado (RIVIÉRI,1995 apud MARTINOTO, 2012).

Além disso, o mesmo autor menciona que as condições estimuladoras seriam a adequação da necessidade de estimular a atenção da criança para os aspectos relevantes dos trabalhos educacionais e impedir a distração em aspectos irrelevantes. Os ambientes com muitos estímulos, vazios, muito complexos, pouco orientados e com longos períodos de atividades livres como o recreio prolongado são prejudiciais às crianças autistas. O grau de estrutura ambiental, previsível, com rotina, deverá ser maior. Quanto mais baixo for o nível cognitivo da criança, mais o professor deverá se preocupar com a flexibilização do contexto de aprendizagem, para que o aluno autista desenvolva suas competências cognitivas e suas possibilidades comunicativas.

2.5 Lei de Inclusão

As leis que existiam no Brasil e em Santa Catarina em relação às doenças ou deficiências colocavam todos os deficientes em geral num grupo somente, colocando autistas e deficientes físicos no mesmo lugar. Segundo Belisário (2010), isso não é correto, pois o autista não é um deficiente físico, e, dependendo de seu nível, pode não ser uma doença, e sim, um simples Transtorno Invasivo de Desenvolvimento, o qual não é uma deficiência, porém simplesmente um transtorno, que, adquirindo a tradução original do inglês que significa desordem, vemos que não pode ser considerada uma doença, pois o significado original de transtorno seria alguma coisa que aconteceu no desenvolvimento da criança, e não seria essa a característica principal de uma doença, porque uma doença pode ser adquirida não somente no ventre da mãe, mas depois de nascer ou depois de velho.

Para Brasil (2008) na perspectiva da educação inclusiva, a educação especial passa a constituir a proposta pedagógica da escola, definindo como público alvo os alunos com deficiência, transtorno globais de desenvolvimento. Considerando-se alunos com deficiência àqueles que têm impedimento de longo

prazo tanto física, mental, intelectual ou sensorial. Os alunos com transtornos globais de desenvolvimento são aqueles que apresentam alterações qualitativas das interações recíprocas e na comunicação, um repertório de interesses e atividades restrito e repetitivo. Incluem nesse grupo alunos com autismo, síndromes do espectro do autismo e psicose infantil.

Contudo, no final do ano de 2012, foi aprovada uma lei especificando os direitos de um portador de autismo, igualando a todas as crianças. Foi aprovada a lei nº 12.764/12 também chamada Lei Berenice Piana (institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e estabelece diretrizes para sua consecução). É chamada *LEI BERENICE PIANA segundo Pessoa (2014)*, porque Berenice Piana é mãe de um garoto autista e que lutou bravamente, enfrentando diversas barreiras para que a lei fosse aprovada, visa à inclusão de autistas nas escolas regulares.

De acordo com Gabrilli (2013), foi apresentada uma emenda, aprovada pela presidente Dilma, em que há uma punição para os gestores que recusarem a matrícula do aluno com autismo ou outra deficiência. Essa multa será de 3 até 20 salários-mínimos. Se houver reincidência, os gestores poderão até perder o cargo. Essa lei, porém, teve alguns vetos que foram explicados pela presidente Dilma Rousseff. Foram dois dispositivos que foram vetados para que garantam atendimento especial aos alunos que não puderem frequentar a rede regular de ensino. O argumento do governo é que a possibilidade de haver exclusão dos alunos autistas das escolas regulares é contrária à Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, da qual o Brasil é signatário. Segundo o acordo, todas as pessoas com deficiência devem ter acesso aos ensinos primário e secundário inclusivos. Outro veto acaba com a previsão de horário de trabalho especial para funcionários públicos que sejam pais ou responsáveis por pessoas com deficiência.

Os processos de inclusão de autistas têm base no conceito de Educação para todos que está presente na Declaração de Direitos Humanos (ONU, 1948) da ONU (Organização das Nações Unidas).

É direito da criança autista incluí-la na escola regular num lugar em que ele exerça a cidadania e tenha acesso às diversas ideias. Incluir esse aluno significa apoiar toda comunidade escolar (MANTOAN, 1997, apud MARTINOTO, 2012).

Nas últimas décadas muitas transformações vêm ocorrendo pela inclusão

social. Foram lançados alguns documentos mundiais para inclusão de deficientes no meio social: Declaração sobre Educação para Todos (1990) e a Declaração de Salamanca (1994).

Com esses documentos e com alguns movimentos iniciou-se uma revolução na educação, estes tratados mundiais evidenciaram a inclusão escolar como a forma mais efetiva da inserção da educação inclusiva.

O principal mecanismo de luta por uma educação inclusiva, no Brasil, tanto na educação pública quanto privada, é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei no. 9394 de 20 de dezembro de 1996, que define no capítulo V que a educação para alunos com deficiência que deve ser oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, assegurando aos mesmos, currículo, métodos, técnicas, recursos educativos específicos para atender às suas necessidades, dentre outros (BRASIL, 1996, apud MARTINOTO, 2012).

Para se incluir uma criança autista em sala de aula deve-se levar em consideração o nível de autismo que ela possui, e essa criança deve receber o atendimento adequado que seja estruturado ao desenvolvimento dela. Em crianças menores as preferências são a fala, a interação social/linguagem e a educação esses instrumentos são considerados importantes para inclusão da criança autista.

Segundo Mantoan (1997), a inclusão e a educação para todos com um ensino especializado devem andar juntas, mas para admissão de um aluno autista existem os fatores humanos, recursos físicos que seriam necessários para mudar as atitudes e interações na escola e no convívio pessoal e social e no modo de realizar a metodologia de ensino e aprendizagem.

2.6 Associação de Amigos do Autista (AMA)

Segundo consta no site da AMA (2014), a história desta entidade voluntária, teve início em 1983, na cidade de São Paulo, quando o autismo ainda era desconhecido. A ideia de criar a AMA veio de pais, amigos e profissionais que conviviam com alguma criança autista, tendo como objetivo incentivá-las a se tornarem independentes e garantir um futuro melhor para elas. Sendo assim a AMA, a primeira associação de autismo no país.

Visto a necessidade de se congregar e ter uma entidade representante de todas as regiões do país, foi criada a Associação Brasileira de Autismo (ABRA), também voluntária.

Atualmente, existem 61 AMA's no Brasil, situadas nos estados de São Paulo, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Amazonas,

Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Pará, Paraíba, Paraná, Piauí, Rio de Janeiro, Rondônia, São Paulo e Santa Catarina. Em Santa Catarina, nas cidades de Florianópolis, Joinville, Criciúma, Lages, Caibi e Jaraguá do Sul.

A AMA de Jaraguá do Sul foi fundada no dia 16 de setembro de 1991 por um grupo de pais, com intuito de encontrar apoio e suporte técnico para o atendimento de seus filhos autistas. Segundo Voltolini (2011), inicialmente a AMA funcionava em uma sala no Parque Municipal de Eventos, mudando-se mais tarde para uma casa no centro da cidade, onde permaneceu durante sete anos. Com o passar do tempo o número de pessoas foi aumentando, necessitando assim de um espaço maior para seu funcionamento. A partir de 2007 a AMA começou a desenvolver suas atividades em um prédio próprio, hoje situado na Vila Lalau.

Segundo Coelho (2013) nesta instituição são atendidos educandos de 03 a 33 anos, sendo 80% deles de classe média. As atividades são realizadas através do MÉTODO TEACCH, tendo como objetivo facilitar a aprendizagem, e proporcionar avanços nos aspectos: sensoriais, comportamental, social, afetivo, cognitivo e comunicação. Conforme informações da diretoria geral da AMA, a grande dificuldade dessa associação é o da inclusão social.

3 METODOLOGIA

O Projeto Conectando Saberes faz parte do Curso Técnico Em Química (Modalidade: Integrado) que tem como objetivo a iniciação à pesquisa científica. Com isso optou-se nesta pesquisa saber qual a concepção que os professores que trabalham com Educação Infantil, têm sobre Autismo. Considerando as inúmeras dificuldades encontradas para adentrar às instituições de ensino para o desenvolvimento de pesquisas, em função das questões burocráticas que permitem o acesso às instituições e também pela rotina de atividades desenvolvidas pelos professores, delimitou-se esta pesquisa com 21 docentes de três escolas.

Participaram desta pesquisa professores de três escolas do município de Jaraguá do Sul, sendo 11 professores de duas escolas públicas e 10 de uma escola particular, optou-se por estas escolas devido a facilidade de acesso, bem como estarem localizadas próximas ao IFSC - Câmpus Jaraguá do Sul. O estudo utilizou como instrumento para coleta de dados o questionário adaptado de Felício (2007), o qual continha oito questões dissertativas referentes à temática.

A aplicação do questionário foi realizada no mês de março, no entanto foram necessários três momentos. Primeiro: reunião com os gestores de cada escola para explicar o projeto de pesquisa; Segundo: momento entrega da Carta de Apresentação do IFSC para formalizar a pesquisa junto à outra instituição, o Projeto de Pesquisa e o Questionário. E Terceiro: recolher os questionários. Destaca-se que todos os professores que trabalham com Educação Infantil das escolas participantes responderam o questionário.

Após a aplicação do questionário foi feito levantamento estatístico através de porcentagem, que foram demonstrados por meio de gráficos (Figuras 1 a 9), os quais possibilitaram uma melhor análise e discussão dos resultados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresenta-se a seguir a análise de dados da pesquisa “Autismo em Jaraguá do Sul” na qual teve como objetivo analisar a concepção que os professores que atuam na educação infantil têm sobre autismo.

Fizeram parte desta pesquisa 21 professores, sendo 20 do sexo feminino e um do sexo masculino, com média de idade 37 anos. Quanto à formação 81% tem graduação e 19% dos professores tem pós-graduação em nível de Especialização, como podemos observar na figura abaixo.

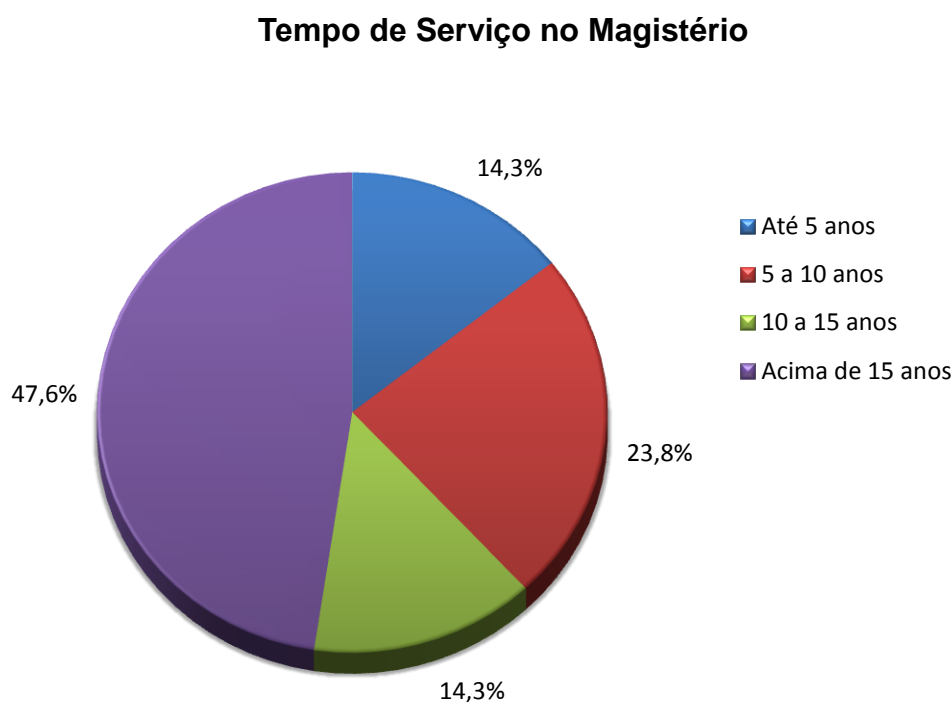


FIGURA 1 - Tempo de Serviço no Magistério

Fonte: elaborado pela equipe

Em relação ao autismo, o primeiro questionamento feito aos professores foi:

1) Em sua concepção, o que é o autismo?

Essa questão levantou as seguintes respostas dos professores, que são

representadas a seguir por meio da Figura 2.

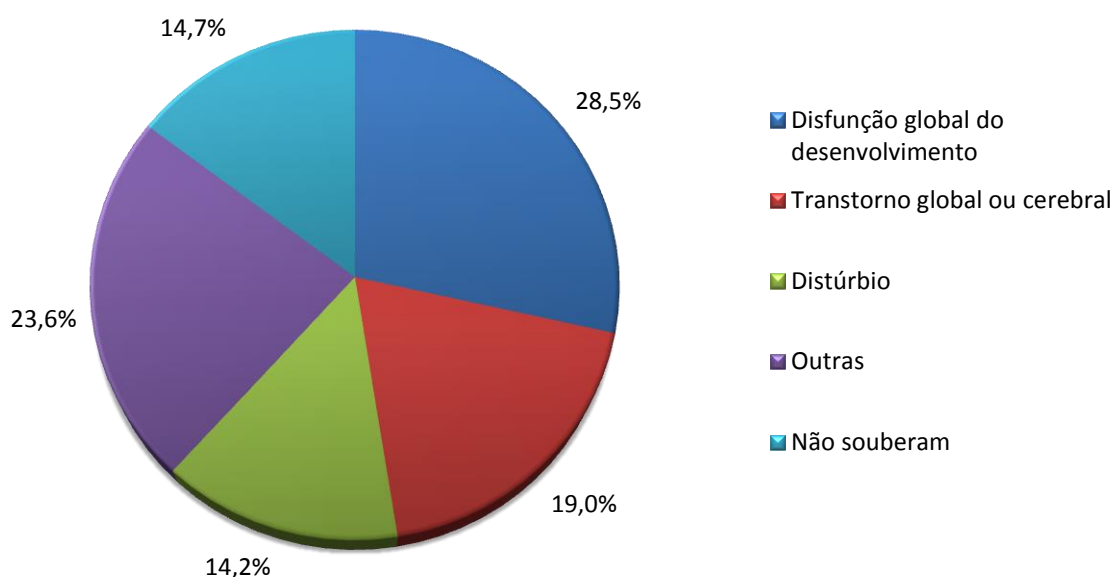


FIGURA 2 - Em sua concepção, o que é o autismo?

Fonte: Elaborada pela equipe.

Após analisar os dados, observou-se que 28,5% dos professores afirmaram que o autismo é uma disfunção global do desenvolvimento; Já 19% disseram que é um transtorno global ou cerebral. Este conceito vai ao encontro de Varella (2013) e Brasil (2008) que consideram que os autistas são alunos com transtornos globais do desenvolvimento que possuem alterações nas qualidades da comunicação social, interação, interesses e atividades próprias, movimentos estereotipados e repetitivos. Outros 14,2% responderam que é um distúrbio; 14,7% não souberam responder e 23,6% responderam outras informações (Por exemplo: Ruptura com a realidade; Doença; Inadequação no desenvolvimento; Síndrome; Isolamento).

Podemos observar que não está claro o conceito de autismo, porque alguns participantes responderam características de uma criança autista e não sobre o conceito, por exemplo o isolamento, como podemos observar na resposta de um dos professores questionados:

Recolhimento em relação aos demais pares. (P6)

Além disso, alguns professores não souberam responder o conceito de autismo, isso se deve provavelmente a dificuldade de um diagnóstico preciso, e

também por ser um tema complexo e pouco discutido no âmbito escolar. Necessitando, com isso, mais informações sobre a temática, pois como afirma Martinoto (2012) o professor, sendo mediador das aprendizagens, tem papel fundamental no desenvolvimento desta criança e para conseguir um bom resultado, precisa estar preparado.

2) Quais características você atribui a uma criança autista?

Em relação às características de uma criança autista, 33% professores afirmaram falta de contato visual; 29% mencionaram a repetição de palavras e gestos; 29% professores responderam hiperatividade; 9% mencionaram outras, como é possível averiguar na Figura 3.

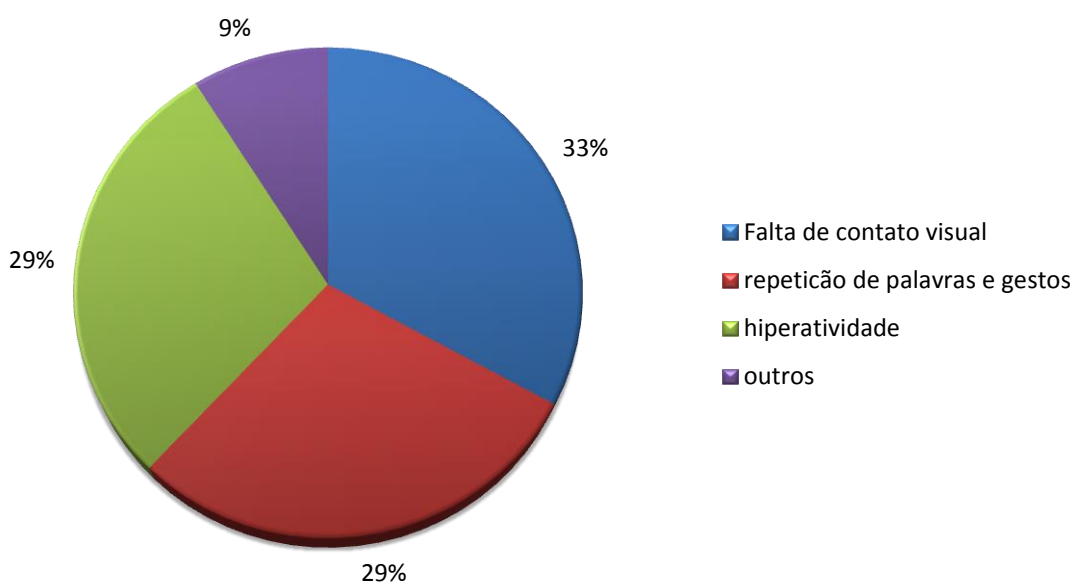


FIGURA 3 - Quais características você atribui a uma criança autista?

Fonte: Elaborada pela equipe.

Através destes dados observamos que, as características que mais apareceram nas respostas foram: falta de contato visual; dificuldade em se relacionar; repetição de palavras e gestos; isolamento. Varella (2013) cita como principais características de uma criança autista: inabilidade para interagir socialmente; dificuldade no domínio da linguagem para comunicar-se ou lidar com jogos simbólicos; padrão de comportamento restritivo e repetitivo.

Devemos ressaltar então que grande parte dos professores conseguem identificar as principais características de uma criança autista.

Esses dados vão ao encontro da pesquisa realizada por Felício (2007) em que a mesma encontrou características semelhantes, por exemplo: isolamento, falta de contato visual, movimentos repetitivos, repetição na fala, dificuldade na aprendizagem, entre outras.

3) Você já conviveu com uma criança autista?

Esta pergunta se apresenta como forma de análise do número de professores que possam ter convivido com possíveis autistas e obter conhecimento do que estas experiências proporcionaram a eles, e suas respostas foram demonstradas na Figura 4. Nesse aspecto é preciso ressaltar que nem sempre os professores têm condições de afirmar em absoluto se estão lidando com crianças autistas, pois tal informação é devida aos profissionais especializados.

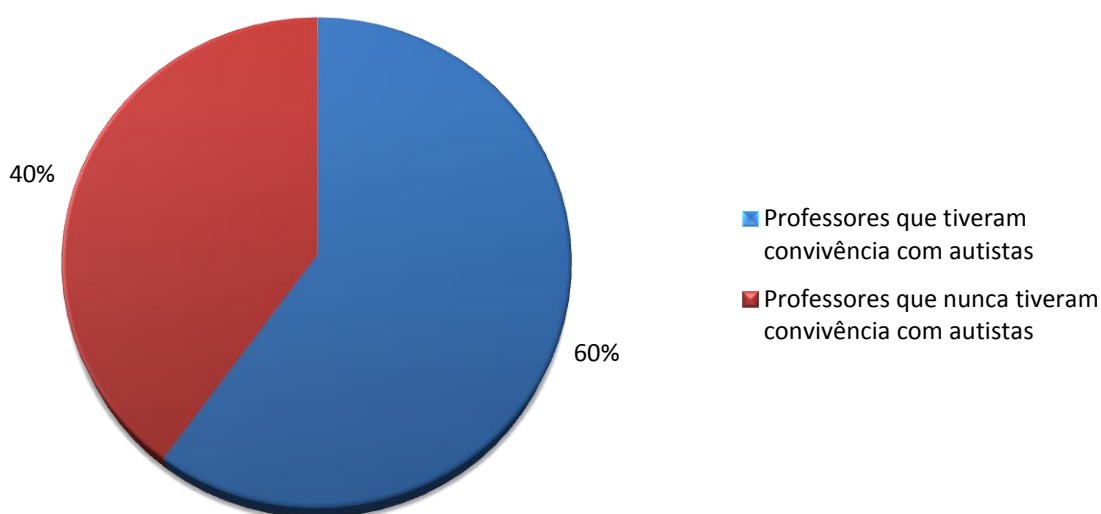


FIGURA 4 - Você já conviveu com uma criança autista?

Fonte: Elaborada pela equipe.

Segundo a análise dos dados fornecidos pelos questionários aplicados nas três escolas, 60% dos professores responderam que já tiveram algum tipo de convivência com autistas. Em contrapartida, 40% dos professores responderam que nunca conviveram com crianças autistas.

Já na pesquisa realizada por Felício (2007) somente 31,57% dos

professores afirmaram que sim, ou seja conviveram ou tiveram alguma experiência com crianças com autismo. E a grande maioria 68,43% que nunca conheceram ou conviveram com autistas.

4) Você já teve algum contato com crianças autistas por meio de mídias como o vídeo, a TV, filmes, documentários, etc.?

Em relação ao contato que os professores tiveram com crianças autistas, podemos observar que 30% responderam que obtiveram contato com autistas por meio da TV (novela), o mesmo percentual 20% tiveram seus contatos por meio de filmes e vídeos e documentários, como pode ser visto na Figura 5. E um percentual de 15% professores responderam que sim, mas não citaram por qual meio tiveram o contato. E também 15% disseram que nunca tiveram contato com crianças autistas.

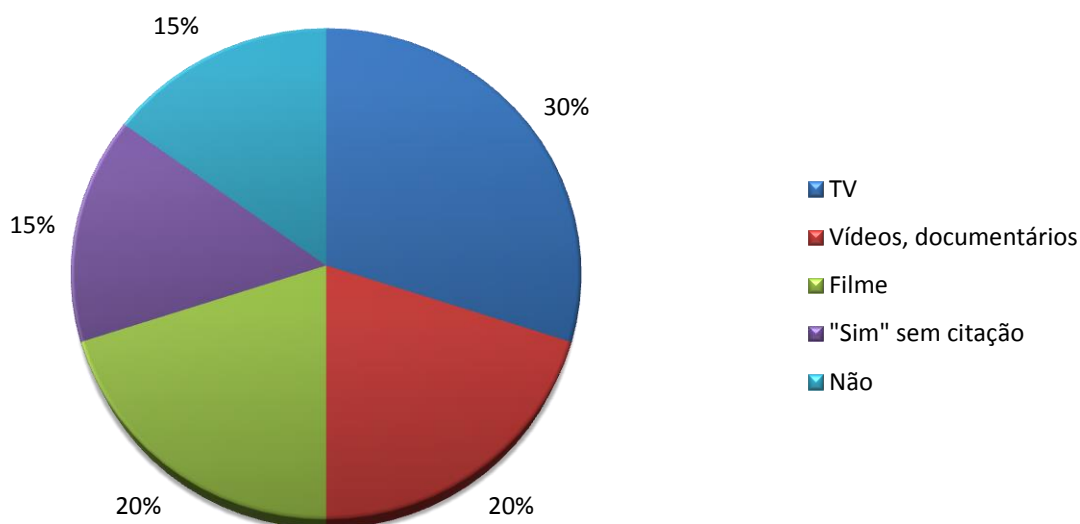


FIGURA 5 - Você já teve algum contato com crianças autistas por meio de mídias como o vídeo, a TV, filmes, documentários, etc.?

Fonte: Elaborada pela equipe.

De acordo com Felício (2007), percebemos que apesar da maioria dos professores já terem tido algum contato, mesmo que pequeno, com autistas, a propagação das informações acerca deste distúrbio do desenvolvimento é muito escassa. Pode-se pensar que esta falta de informações se justifique pela dificuldade encontrada em diagnosticar com exatidão o autismo, seu aparecimento, suas

causas, e as transformações que ocorrem no ser humano.

5) Você tem algum conhecimento teórico/prático sobre como trabalhar com crianças autistas em sala de aula? Descreva

Observando as respostas dos professores, a grande maioria, 74% possuem conhecimento teórico/prático que foi adquirido através de estudos e pesquisas, capacitação, leituras sobre o assunto e cursos, e alguns tem conhecimento prático adquirido através do convívio com o aluno e com os demais na sala de aula, como é possível verificar através da Figura 6.

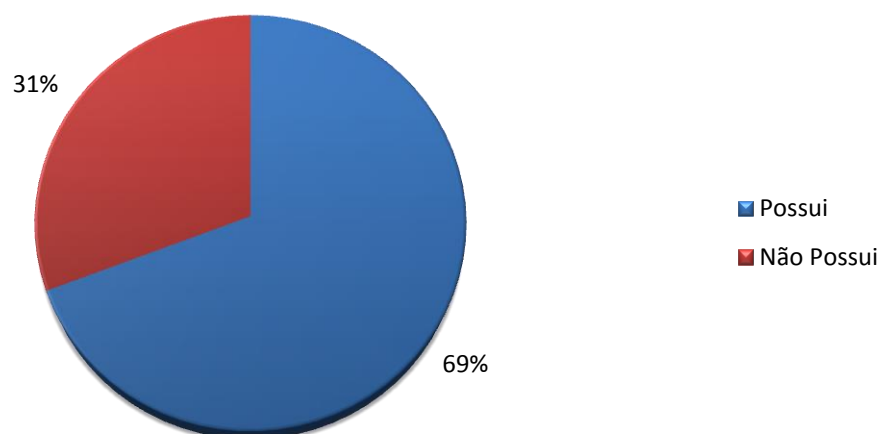


FIGURA 6 - Você tem algum conhecimento teórico/prático sobre como trabalhar com crianças autistas em sala de aula? Descreva

Fonte: Elaborada pela equipe.

Podemos confirmar que há uma relação entre o conhecimento teórico de outros professores (P2) com a experiência do professor (P6) que trabalhou, com um aluno autista por dois anos. Podemos perceber que nesta escola os professores têm um auxílio de outra professora de educação especial ajudando os mesmos na educação destes alunos. Viu-se a motivação de alguns professores em trabalhar com crianças autistas. Porém, alguns demonstraram o interesse em aperfeiçoar o conhecimento sobre o tema através de capacitações.

Apenas 26% dos professores respondeu que não possuem nenhum conhecimento prático/teórico. Provavelmente, isso se deve pela inclusão cada vez

maior de autistas em vários contextos da sociedade mas principalmente na escola

Os dados obtidos desta pesquisa divergem com o que foi obtido na pesquisa da Felício (2007) em que os resultados alcançados foram 86,84% não possuem conhecimento teórico/prático e 13,16% possuem conhecimento teórico/prático.

Diante disso, é importante o preparo dos métodos de aprendizagem utilizados pelo professor para desenvolver a comunicação, a inteligência, a habilidade social, e o equilíbrio da criança autista. (REVIÈRE, 1995 apud MARTINOTO, 2012).

6) Em sua sala de aula, você identifica alguma criança com características semelhantes às apresentadas por autistas? Quais são essas características?

Em relação à identificação das características de semelhantes às apresentadas por autistas pelo professor em sua própria sala de aula, foram levantadas as seguintes respostas pelos professores, apresentado na Figura 7.

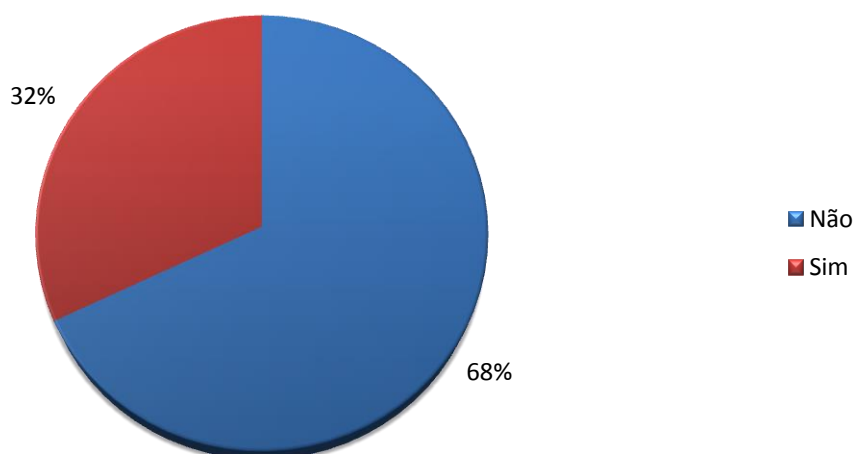


FIGURA 7 - Em sua sala de aula, você identifica alguma criança com características semelhantes às apresentadas por autistas? Quais são essas características?

Fonte: Elaborada pela equipe.

Através da análise das respostas dos docentes verificou-se que a maioria dos professores, ou seja, 68% não identificam características semelhantes dos autistas em sala de aula, isso se deve pelo diagnóstico do autismo não ser tão preciso e pelo autismo ser bastante complexo e ao mesmo tempo desafiador. E

também o fato de a maioria dos professores não identificar as características autistas.

Para Varella (2013), Não existe tratamento padrão que possa ser utilizado. Cada paciente exige acompanhamento individual, de acordo com suas necessidades e deficiências. Alguns podem beneficiar-se com o uso de medicamentos, especialmente quando existem co-morbidades associadas.

Por outro lado, 32% dos professores afirmou que consegue identificar alunos autistas em sala de aula e descreve as características dos mesmos, sendo elas: hiperatividade, desconcentração, dificuldade de socialização, na fala, na motricidade e na aprendizagem de conteúdo, resistência a integração, falta de atenção, ecolalia e movimentos estereotipados.

Essas respostas vem ao encontro do que relata Varella (2013), considera como principais características: inabilidade para interagir socialmente; dificuldade no domínio da linguagem para comunicar-se ou lidar com jogos simbólicos; padrão de comportamento restritivo e repetitivo.

Na pesquisa da Felicio (2007) o resultado obtido foi que 89,47% não identificam alunos autistas em sala de aula e 10,53% identificam, estes dados diferentes quando comparados com esta pesquisa. O percentual de professores que identificam alunos autistas foi menor (68%) como podemos observar no gráfico, já os participantes que não identificam foi maior (32%). O fato de a maioria dos professores não identificarem alunos autistas deve-se pela falta de professores capacitados para trabalhar com esses alunos.

Projeções da Organização Mundial da Saúde mostram que no Brasil vivem cerca de 30 milhões de pessoas portadoras de deficiência, com diversos graus de comprometimento físico e mental. Menos de 10% dessas pessoas recebem atendimento médico e educacional adequado, por falta de uma política voltada para a deficiência. Isso apesar da lei n 7.853 de outubro de 1989, que dispõe sobre o apoio aos portadores de deficiência e sua integração social. (FELICIO, 2007 *apud* MANTOAN, 1997; p.104).

7) Caso uma criança apresentasse características autistas em sua turma, quais estratégias você utilizaria para promover a inclusão e a aprendizagem dessa criança?

Observa-se, através da Figura 8, que em relação às estratégias utilizadas 33% dos professores afirmaram que desenvolveriam a socialização do aluno autista, fazendo atividades em grupo, promovendo a inclusão dele com os outros alunos. Já

outros 29% mencionaram que fariam um atendimento individual ao aluno autista, uma atenção individualizada, dando atividades diferentes das que foram propostas para os outros alunos. E 29% responderam que fariam ou uma parceria com entidades que tivessem especialização para atender esse aluno autista, ou tentariam conquistar sua confiança, fariam leitura sobre o assunto e pensariam nas melhores estratégias possíveis. E 9% apoiam a ideia de que deveria ser feita uma rotina, no qual os alunos autistas poderiam saber o que deveriam fazer depois.

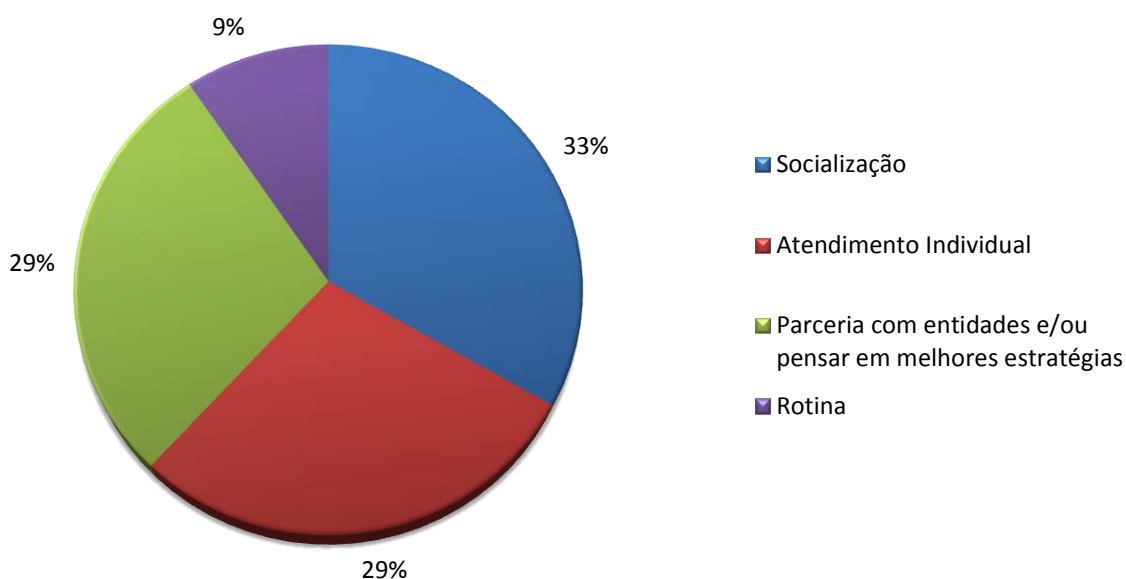


FIGURA 8 - Caso uma criança apresentasse características autistas em sua turma, quais estratégias você utilizaria para promover a inclusão e a aprendizagem dessa criança?

Fonte: Elaborada pela equipe.

A pesquisa realizada por Felício (2007) apontou que a maioria dos professores que participaram da pesquisa respondeu que seria necessário saber mais sobre o assunto, alguns responderem que não sabiam como agir nessa situação e responderam que buscariam ajuda de profissionais para orientá-los.

Na pesquisa feita por Barbosa *et al* (2013), na qual a questão era como os professores realizavam as atividades com crianças autistas na sala de aula. As respostas encontradas foram um pouco diferenciadas, pois a maior parte dos professores que fizeram parte da pesquisa respondeu que faziam atividades diferenciadas, pelo fato de que a aprendizagem do autista não ser a mesma de uma criança considerada normal. Na sequência encontra-se uma das respostas de um professor:

As atividades que eu faço são totalmente diferenciadas. Por que o autista,

ele não tem agilidade, não tem a coordenação motora como os alunos tem, nos trabalhamos com: a coordenação, muito a coordenação pronunciar várias vezes as palavras para que ele possa memorizar dessa forma (P2).

Na pesquisa de Pimentel (2013), foi levantada a questão para os professores sobre qual o meio comunicativo que eles relataram utilizar com crianças autistas. A maior parte respondeu que o mais utilizado seria o verbal e a menos utilizada era a escrita e os sinais. Nesta pesquisa observou-se que menos que a metade responderam que tentariam desenvolver a socialização dele, ou entre os alunos ou entre o professor.

8) Em sua opinião, como e por meio de quem deveria ser feita a capacitação dos professores para se trabalhar com crianças dessa realidade?

Em relação à capacitação podemos observar no gráfico uma diversificação de respostas, pois 23,8% responderam por profissionais (psicólogos, neurologistas, etc...) deveriam oferecer cursos, como pode ser visto pela figura 9; já o mesmo percentual 20% que deveria ter cursos, palestras e debates, pela Associação Amigos do Autista (AMA); e pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED) deveria oferecer cursos sobre autismo; Um percentual de 16% dos professores afirmaram que a faculdade deveria oferecer isso na formação; buscar a capacitação; e outros professores responderam que deveriam buscar essa capacitação através de filmes e documentários sobre o assunto.

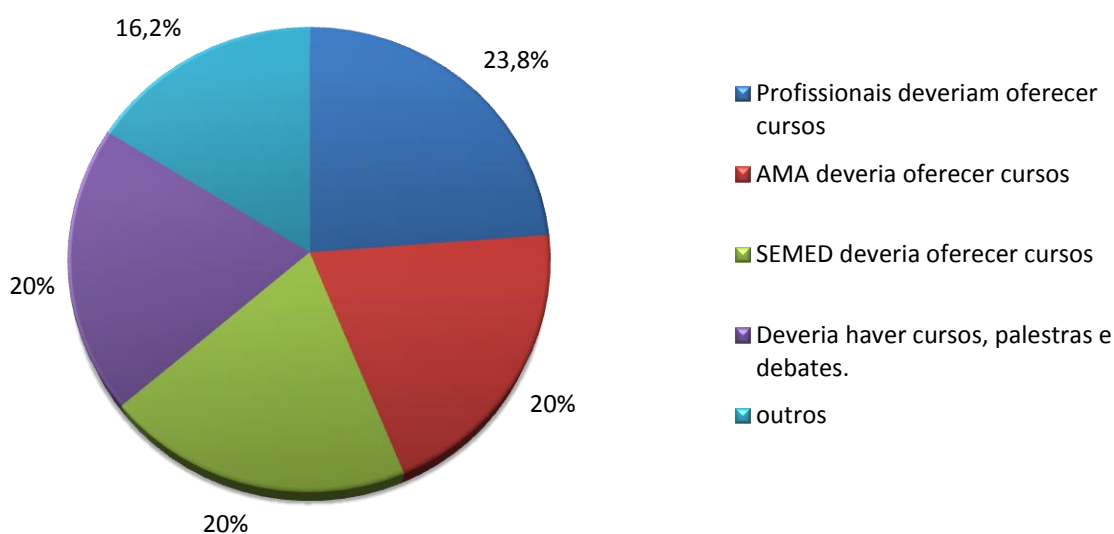


FIGURA 9 - Em sua opinião, como e por meio de quem deveria ser feita a capacitação dos professores para se trabalhar com crianças dessa realidade?

Fonte: Elaborada pela equipe.

Já na pesquisa realizada por Felício (2007) os professores citaram em primeiro lugar que a capacitação deveria ser feita por cursos e palestras. Em torno de 50% que deveria ser feita pela SEMED. Além disso, alguns professores afirmaram que as faculdades poderiam abranger este assunto. Os demais entrevistados responderam que a capacitação deveria ser por profissionais especializados nesta área, como psicólogos, neurologistas e psicopedagogos.

Em relação à capacitação dos professores, Martinoto (2012) afirma que o professor sendo mediador da aprendizagem exerce papel fundamental no desenvolvimento desta criança, mas para isso, o mesmo precisa estar preparado, pois as dificuldades encontradas por essas crianças em relação à comunicação, interação e imaginação, afetam globalmente o seu desenvolvimento, bem como, a sua vida em sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática do Conectando Saberes “Sociedade e Meio Ambiente”, com o tema proposto pelo grupo “Autismo em Jaraguá do Sul”, tem relação, pois o autismo é vivenciado nas várias instituições sociais e principalmente nas escolas.

Com base na análise e discussão dos resultados e com as limitações que uma pesquisa com a utilização de questionário como instrumento de medida apresenta, e tendo em vista a complexidade do tema, pode-se destacar, neste estudo, as seguintes considerações finais sobre autismo em Jaraguá do Sul.

No início do projeto, tinha-se como problema qual a concepção que os professores que trabalham com educação infantil tinham sobre autismo. Quanto à primeira hipótese “A maior parte dos professores da educação infantil em Jaraguá do Sul tem uma compreensão ampla sobre o autismo” não foi confirmada, porque houve uma grande variedade de respostas por parte dos professores participantes, por exemplo: disfunção global do desenvolvimento, distúrbio, doença, transtorno global ou cerebral, ruptura com a realidade, inadequação no desenvolvimento, síndrome, isolamento e outros não souberam responder o conceito de autismo.

Por outro lado, confirmou-se a segunda hipótese: “Os professores têm uma visão superficial sobre autismo”, necessitando uma melhor preparação, pois o professor sendo mediador das aprendizagens, tem papel fundamental no desenvolvimento da criança autista.

Em relação à terceira hipótese, “Os professores conseguem identificar as principais características de um aluno autista” foi também confirmada, pois de acordo com as respostas dos professores, observou-se bastante clareza sobre as características das crianças autistas: falta de contato visual, repetição de palavras e gestos, hiperatividade, entre outras.

Quanto aos objetivos específicos, constatamos que 68% dos professores não identificaram as principais características de alunos autistas na própria sala de aula. E sobre à convivência, 60% dos professores afirmaram que já tiveram algum tipo de convivência com crianças autistas.

Em relação aos meios de contato que os professores tiveram com crianças autistas, em primeiro lugar citaram TV (novela), filmes, vídeos e documentários. Alguns afirmaram que sim, mas não citaram por qual meio tiveram o

contato. Outros responderam que nunca tiveram contato com crianças autistas.

Quanto às estratégias utilizadas pelos docentes para trabalhar com crianças autistas, citaram socialização, atendimento individual ao aluno, parceria com entidades que tivessem especialização para atender esse aluno autista, ou tentariam conquistar sua confiança.

Sobre a capacitação para trabalhar com alunos autistas, houve uma diversificação, pois responderam que a mesma deveria ser dada por profissionais (psicólogos, neurologistas), ter cursos, palestras e debates. Outros professores responderam que a AMA e a SEMED deveriam oferecer cursos sobre autismo, e também que a faculdade deveria capacitar os professores na formação, e, finalmente, filmes e documentários sobre a temática.

Portanto, com base nos resultados desta pesquisa sobre “Autismo em Jaraguá do Sul”, observou-se que o autismo é um tema complexo, porém, desafiador e que há necessidade da continuidade da reflexão da temática, não só na educação infantil, mas também em todas as instituições de ensino do município de Jaraguá do Sul.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, F. **Inclusão de autistas em escolas é possível, mas é preciso preparação**. Disponível em <<http://noticias.terra.com.br/educacao/inclusao-de-austistas-em-escola...>> Acesso em 18/11/2013.

AMA - Associação dos Amigos do Autista (2014). **História da AMA**. Disponível em <<http://www.ama.org.br/site/pt/historia.html>>. Acesso em 13/05/2014.

BARBOSA, A. M.; ZACARIAS, J. C.; MEDEIROS, K. N.; NOGUEIRA, R. K. S. **O Papel do Professor Frente à Inclusão de Crianças com Autismo**. Disponível em <http://educere.bruc.com.br/ANAIS2013/pdf/7969_6165.pdf>. Acesso em 02/05/2014.

BELISÁRIO, J. F. Inclusão. **Revista da Educação Especial**, p. 4-11, 2010.

BERBERT, S. **Estudo analisa papel da escola na vida de crianças autistas**. Disponível em <<http://www.usp.br/aun/exibir.php?id=5444>> Acesso em 26/11/2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial Na Perspectiva da Educação Inclusiva**. 2008. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducaespecial.pdf>> Acesso em 02/06/2014.

CABRAL, G. **Autismo**. Disponível em <<http://www.mundoeducacao.com/doencas/autismo.htm>> Acesso em 13/11/2013.

CAMARGOS, W. Jr. **Transtornos Invasivos do Desenvolvimento: 3º Milênio**. Disponível em <<http://www.afaga.com.br/biblioteca/CamargosW.pdf#page=27>>. Acesso em 19/11/2013.

COELHO, E. **Entrevista sobre Autismo**. Associação dos Amigos do Autista (AMA), Jaraguá do Sul, em 21/11/2013.

FELICIO, V. C. **Autismo e o Professor: Um Saber Que Pode Ajudar**. Bauru, 2007 (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências Câmpus de Bauru.

GABRILLI, M. **Lei que garante direitos a autistas já está em vigor**. Disponível

em: <http://vidamaislivre.com.br/noticias/noticia.php?id=6334&lei_que_garante_direitos_a_autistas_ja_esta_em_vigor>. Acesso em 01/12/2013.

GADIA, C. A.; TUCHMAN, R.; ROTTA, N. T. **Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento. Jornal de Pediatria.** Porto Alegre, vol. 80, n. 2, p. 83-94. Abril. 2004.

MANTOAN, M. T. E. **A Integração de pessoas com deficiência:** contribuições para uma reflexão sobre o tema. São Paulo: Editora SENAC, 1997.

MARTINOTO, Lisiane, B (2012). **A Importância Da Qualificação Do Profissional Da Educação Infantil, No Atendimento De Crianças Com Autismo.** Revista Vento e Movimento – FACOS/CNEC Osório, Nº 1, Vol. 1, 2012.

MARTINS, M. A. G.; SILVA, Y. C. R.; MAINARDES, S. C. C. **Uma Visão Sobre a Síndrome de Asperger.** Disponível em <http://www.cesumar.br/prppge/pesquisa/mostras/quin_mostra/marcio_antonio_giansante_martins.pdf>. Acesso em 18/11/2013.

McDONOUGH S. G.; BODFISH J. W. **Efeitos de um Tratamento Implantado na Família para os Comportamentos Repetitivos da Criança com Autismo.**

Disponível em:

<<http://www.ama.org.br/site/images/stories/Voceeaaama/artigos/110606efeitodeumtratamentoinplantadorefar.pdf>> Acesso em 27/11/13.

MERCADANTE, M. T.; MOURA, P. J.; SATO, F. Bases Neurobiológicas do Autismo: Enfoque no domínio da sociabilidade. Revista Brasileira de Crescimento e **Desenvolvimento Humano.** São Paulo, vol. 21. n. 2, p. 47-57. 2011.

MORAES, F. F., OLIVEIRA, I. S. **O Autismo na Perspectiva de uma educação inclusiva.** Disponível em:

<http://www.nead.unama.br/bibliotecavirtual/monografias/o_autismo_na_perspectiva_de_uma_educacao_inclusiva.pdf>. Acesso em 01/12/2013.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948. Disponível em: <http://portal.mj.gov.br>. Acesso em 13/05/2014.

PESSOA, Nataly. **Os Autistas e a Lei Berenice Piana.** Disponível em

<<http://www.cartapotiguar.com.br/2013>>. Acesso em 14/06/2014

PIMENTEL, A. G. L. **Autismo e Escola: Perspectiva de Pais e Professores**. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5162/tde-19042013-121114/pt-br.phpc>>. Acesso em 25/04/2014.

RAMACHANDRAN, V. S., & OBERMAN, L. M. Espelhos Quebrados, Uma Teoria Sobre o Autismo. **Scientific American Brasil**, n. 50, p. 50-57, 2013.

SANTO, A. M. E., & COELHO, M. M. Autismo. "Perda de contato com a realidade **exterior**". Disponível em <http://cenfocal.drealentejo.pt/trabalhosformandos/ac%E7%E3o7/Trabalho_Final_-_Autismo_Ant%F3nia_Madalena.pdf>. Acesso em 18/05/2014.

SANTOS, M. A. & SANTOS, M. F. S. (2011) apud LEBOYER, M. (2007). **Representações Sociais de professores sobre o autismo infantil**. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n2/13.pdf>>. Acesso em 18/05/2014.

SILVA, L. S., & COSTA T. S. **Autismo na Escola**. Disponível em <<http://guaiba.ulbra.br/seminario/eventos/2010/artigos/pedagogia/salao/642.pdf>>. Acesso em 27/11/2013.

VARELLA, Dráuzio. **Autismo**. Disponível em <<http://drauziovarella.com.br/crianca-2/autismo/>>. Acesso em 30/04/2014.

VIEIRA, W. **Autismo: Ilhados em seu próprio mundo**. Disponível em <<http://super.abril.com.br/ciencia/autismo-ilhados-seu-proprio-mundo-685408.shtml>>. Acesso em 07/11/2013.

VOLTOLINI, C. (2011). **AMA no Brasil**. Disponível em <www.cristina-projetoama.blogspot.com.br/2011/03/estudo-de-caso-1.html?m=1> Acesso em 13/05/2014.

ANEXO – QUESTIONÁRIO ADAPTADO DE FELICIO (2007)

Prezado Professor,

Este questionário tem por objetivo principal analisar a concepção de professores acerca do tema que escolhemos para o nosso Projeto de Pesquisa do Conectando Saberes intitulado “Autismo em Jaraguá do Sul”. Assim, agradecemos desde já sua participação, que será de fundamental importância para esta etapa do nosso trabalho.

As informações serão utilizadas somente para fins de pesquisa, não há necessidade de se identificar.

Informações Pessoais:

Idade: _____ Sexo: ()Feminino ()Masculino

Qual sua Formação: ()Doutorado ()Mestrado ()Especialização () Graduação

Tempo de Serviço no Magistério: () Até 5 anos () 5 a 10 anos () 10 a 15 anos () Mais de 15 anos

Informações sobre Autismo:

1) Em sua concepção, o que é autismo?

2) Quais características você atribui a uma criança autista?

3) Você conhece ou já conviveu com uma criança autista? Em caso positivo, descreva como foi essa experiência.

4) Você já teve algum contato com crianças autistas por meio de mídias como o vídeo, a TV, filmes, documentários, etc? Como foi abordado esse tema? Justifique.

5) Você tem algum conhecimento prático e/ou teórico sobre como trabalhar com crianças autistas em sala de aula? Descreva.

6) Em sua sala de aula, você identifica alguma criança com características semelhantes às apresentadas por autistas? Quais são essas características?

7) Caso uma criança apresentasse características autistas em sua turma, quais estratégias você utilizaria para promover a inclusão e a aprendizagem dessa criança?

8) Em sua opinião, como e por meio de quem deveria ser feita a capacitação dos professores para se trabalhar com crianças dessa realidade?
